

Paraíso perdido I: 242-270

Esta é a Região, este o Solo, o Clima,
Disse então o Arcanjo perdido, este o lugar
Que precisamos trocar pelo Céu, esta sombra pesarosa
Por aquela luz celestial? Que seja, pois ele
Que agora é Soberano pode determinar e proclamar
O que será certo: é melhor mais longe dele
A quem a razão igualou, a força tornou supremo
Sobre seus iguais. Adeus Campos felizes
Onde a Alegria para sempre mora: Viva os horrores, viva
O mundo infernal, e vós Inferno mais profundo
Recebei vosso novo Possuidor: Aquele que tem
Uma mente que não se altera por Lugar ou Tempo.
A mente é o seu próprio lugar, e em si mesma
Pode fazer um Céu do Inferno, um Inferno do Céu.
Que importa onde, se eu ainda for o mesmo,
E o que deveria ser, se não menos do que aquele
A quem o Trovão tornou maior? Aqui ao menos
Seremos livres; o Altíssimo não construiu
Aqui para sua inveja, e então não vai nos expulsar:
Aqui podemos reinar em segurança, e na minha escolha
Reinar vale a ambição apesar de no Inferno:
Melhor reinar no Inferno, do que servir no Céu.
Mas por isso vamos deixar os nossos fiéis amigos,
Os aliados e companheiros de nossa perda
Estão espantados no Poço do esquecimento,
E não os chamaí para compartilhar conosco a parte deles
Nesta Mansão infeliz, ou mais uma vez
Com Armas reunidas para tentar o que ainda pode ser
Reconquistado no Céu, ou o que mais perdido no Inferno?

O Sexto, e último da Criação despontou
Com Harpas Noturnas e Matinas, quando Deus disse,
Que a Terra gere Alma viva em seu seio,
Gado e coisas rastejantes, e Bestas da Terra,
Cada qual na sua espécie. A Terra obedeceu, e logo
Abrindo seu Ventre fértil deu à luz
Inúmeras Criaturas vivas, formas perfeitas,
Com membros e crescidas: do chão emergiu
Como do seu Covil a Besta selvagem que mora
Na floresta selvagem, na Mata, Matagal ou Toca;
Dentre as Árvores em Pares surgiram, andaram:
O Gado nos Campos e Prados verdes:
Aqueles raros e solitários, estes em bandos
Pastando juntos, e em grandes Rebanhos brotaram.
Os gramados ora pariam bezerros, ora neles aparecia
O Leão Fulvo, batendo com as patas para libertar
Suas costas, então salta como irrompendo de Grilhões,
E Desenfreado sacode sua juba Rajada; a Onça,
O Leopardo, e o Tigre, como a Toupeira
Levantando, a Terra desmoronada acima deles jogavam
Em Montículos; o Cervo veloz de debaixo do chão
Ergueu sua cabeça com galhos: longe do seu molde
Behemoth, o maior nascido da Terra, levantou
Sua vastidão: os Rebanhos com Lã e os balidos subiram,
Como Plantas: ambíguos entre Mar e Terra
O Hipopótamo e o escamado Crocodilo.
Ao mesmo tempo apareceu tudo que rasteja pelo chão,
Inseto ou Verme; estes batiam suas membranas flexíveis
Como asas, e minuciosas Feições se definem
Em todos os Animais cobertos do orgulho do Verão
Com manchas Douradas e Roxas, azuis e verdes:
Estas como uma linha desenharam sua longa dimensão,
Riscando o chão com traço sinuoso; nem todos
Mínimos da Natureza; alguns da espécie da Serpente
Maravilhosos em comprimento e corpulência envolviam
Suas dobras Serpentinadas, e mais asas. Primeiro rastejou
A Parcimoniosa Formiga, previdente
Do futuro, em pequena sala grande coração confinado,
Padrão de justa igualdade talvez
Daqui para frente, unida em suas populares Tribos
De Comunidade: enxameando em seguida apareceu
A Abelha Fêmea que alimenta seu Marido Zangão
Deliciosamente, e constrói seus Favos de cera
Com Mel armazenado: o resto é incontável,
E vós conheceis suas Naturezas, & destes-lhes Nomes,
Desnecessário para vós repeti-los; nem desconhecida
A Serpente, Besta mais sutil de todo o campo,
De imenso comprimento algumas vezes, com Olhos insolentes
E aterrorizante Crista cabeluda, apesar de para vós

Não nociva, mas obediente ao vosso chamado.
Agora o Céu em toda sua Glória brilhou, e arrolou
Seus movimentos, como a mão dos grandes primeiros Acionadores
Direcionou seu curso pela primeira vez; a Terra em seus ricos trajes
Sorriu adoravelmente consumada; Ar, Água, Terra,
Por Ave, Peixe, Besta, era voado, era nadada, era caminhada
Com frequência; e do Sexto dia ainda restava;
Ainda faltava a obra-prima, o fim
De tudo já feito; uma Criatura que, não tão propensa
E Bruta como as outras Criaturas, mas dotada
Com a Santidade da Razão, pudesse erigir
Sua Estatura, e de pé com a Fronte serena
Governar o resto, consciente de si, e daí
Magnânimo corresponder com o Céu,
Mas grato por reconhecer de onde seu bem
Desce, para lá com coração e voz e olhos
Dirigidos em Devoção, para adorar
E louvar o Deus Supremo, que o fez chefe
De todas as suas obras: portanto o Onipotente
Pai Eterno (Pois onde Ele não está
Presente) assim ao Seu Filho falou audivelmente.